

## Alguns negros intelectuais no LEAFRO

Fernanda Maria da Silva<sup>1</sup>



Prof. Alexandre Nascimento. Foto: Reprodução facebook.



Prof. Otair Fernandes. Foto: Reprodução facebook.

### Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre as relações raciais no Brasil a partir de olhares e subjetividades de alguns negros intelectuais membros do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros (LEAFRO), da UFRRJ. Para esse intento, foram entrevistados dois pesquisadores do referido laboratório. Utilizamos Santos como referencial teórico, bem como outros autores que também contribuíram substancialmente para a construção desse trabalho. Nossos entrevistados são negros intelectuais que encontraram nos movimentos sociais o início da conscientização sobre o racismo e carregam o compromisso de combater as discriminações raciais em suas atividades político-pedagógicas. Conheceremos suas experiências e reflexões sobre o racismo. Através das entrevistas, concluiu-se a importância dos movimentos sociais para ajudar na conscientização dos negros sobre o racismo e o poder da branquidade.

**Palavras-chave:** negro intelectual; discriminação racial; branquidade.

<sup>1</sup> Mestre em educação- UFRR. E-mail: femaria8@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as relações raciais no Brasil a partir de olhares e subjetividades de alguns negros intelectuais e membros do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros (LEAFRO). Para esse intento, foram entrevistados dois pesquisadores do referido laboratório. Os entrevistados foram escolhidos por conta de suas experiências e/na relação com o movimento negro.

Nossos entrevistados são negros intelectuais que encontraram nos movimentos sociais o início da conscientização sobre o racismo e carregam o compromisso de combater as discriminações raciais em suas atividades político-pedagógicas. Assim, vamos conhecer um pouco a respeito de suas experiências e subjetividades referentes ao racismo.

### ***Tipos de intelectuais: Intelectual Orgânico e Negro Intelectual***

O que é ser um intelectual? Quem é e o que faz? Para buscar responder essas questões recorreremos a dois conceitos de intelectual: o conceito de intelectual orgânico, de Gramsci, e o conceito de negro intelectual, de Sales. Segundo Gramsci, “todo homem é um intelectual”, porque toda atividade realizada por um ser humano requer alguma intelectualidade, mas não é todo homem que realizará na sociedade a função de intelectual. Gramsci (2001) busca entender a seguinte questão: “Os intelectuais são um grupo autônomo e independente, ou cada grupo social tem sua própria categoria de intelectuais?”

Ao grupo de intelectuais ligado ao modelo capitalista de produção e que tem por função reproduzir esse modelo enquanto organização política, Gramsci o denomina de intelectual orgânico. Neste sentido, de acordo com o autor, foi a burguesia quem criou o intelectual orgânico.

No entanto, para Gramsci, os proletariados também podem criar os seus intelectuais orgânicos através dos partidos políticos e com a atuação de seus militantes. Dessa forma, os militantes dos partidos políticos comporiam a classe dos intelectuais orgânicos das classes sociais representadas por esses partidos.

Para o autor, existe ainda um outro grupo de intelectuais: os intelectuais tradicionais. Um tipo de intelectual que se diz livre de quaisquer compromissos com a prática social, sejam estas de qualquer natureza. Para eles, o compromisso do intelectual é com o conhecimento verdadeiro e com a ciência.

Todavia, esse tipo de intelectual, sem lado definido, sem vínculos quaisquer que sejam, são os mais disputados pelos diversos setores da sociedade. Eles podem prestar seus serviços tanto aos empresários, à classe hegemônica ou dominante quanto aos dominados. Sem lado e sem partido, circulam de lá pra cá e de cá pra lá. Podem servir ou se colocar a serviço tanto de uns como de outros, ajudando a manter o sistema de dominação ou indo contra a classe dominante que possui o poder. Mas para Gramsci, isso não passa de uma utopia social. A nosso ver, mais que isso, um grande equívoco

daqueles que sempre acham que podem se colocar incólumes e acima do bem e do mal. Assim como nada no mundo os afetasse.

Para Gramsci, o partido político não é um organismo corporativo. É um organismo universal que elabora a construção de uma vontade coletiva, e ocupa um papel central como agente educativo para a formação dos intelectuais orgânicos, pois a formação desses intelectuais deverá ser dirigida pelo partido, já que é o partido que possibilitará o desenvolvimento de uma consciência de classe, aprofundando o seu quadro de intelectuais.

Segundo ele, são esses intelectuais que irão com outros intelectuais tentar convencer e atrair os intelectuais tradicionais para as fileiras do partido. Neste sentido, os intelectuais orgânicos têm que cumprir duas funções principais: pensar a construção de um projeto social e fazer com que os intelectuais tradicionais adiram-no e trabalhe a favor de sua realização. Portanto, para Gramsci, o intelectual orgânico deve ser um militante do partido como, e também, um militante nos espaços públicos e privados onde estão as massas que não militam no partido, como por exemplo: nas escolas e nas universidades, na imprensa, nos sindicatos, nas igrejas, nos partidos políticos, em suma, conforme a canção conhecida, ele deve estar onde o povo está.

De acordo com Santos (2011, p.17), pode-se afirmar que está surgindo no Brasil uma nova categoria de intelectuais: os(as) negros(as) intelectuais. Ele explica que negros(as) intelectuais são os(as) acadêmicos(as) com marcadores de ascendência negra que sofreram ou sofrem influência direta ou indireta dos movimentos sociais e expressam isso ao realizar seus trabalhos acadêmicos.

Já os intelectuais negros não se comprometem com as questões raciais ao realizarem suas pesquisas e suas atividades acadêmicas. Eles não carregam o compromisso ético de combater os preconceitos e as discriminações raciais por meio de seus trabalhos pedagógicos e de suas pesquisas. Os intelectuais negros pesquisam sobre assuntos diversos, que envolvem outras questões que não o combate às discriminações raciais.

Segundo o autor, os negros intelectuais incorporam dos movimentos sociais negros o princípio de não aceitar com passividade o racismo e as desigualdades raciais, sendo associados ao conhecimento acadêmico-científico adquirido dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras e/ou estrangeiras, é produzido nesses intelectuais um ethos acadêmico ativo que vai orientar suas pesquisas, estudos, ações e suas atividades profissionais de professores/as e pesquisadores/as universitários/as. Tal orientação é que conduz esses professores a orientarem suas pesquisas para o campo das relações raciais. Temas tais como: racismo, preconceito, discriminação, desigualdades raciais e diferença racial são recorrentes entre esse grupo de intelectuais.

Esses temas de pesquisa têm trazido impactos muito positivos para o aumento da consciência racial das populações negras. Onde, cada vez mais, vemos negros e negras a reagir contra toda sorte de discriminação e de

intolerância racial. No texto *A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais*, Santos nos diz:

Com o revigoramento dos movimentos sociais negros, por meio do surgimento do MNU em 1978, bem como com o processo de redemocratização do Brasil nos anos oitenta do século passado, surgem condições sociais para a formação e o florescimento de uma geração de intelectuais negros oriundos desses movimentos ou que ouviram as vozes destes por justiça e igualdade racial. Esses “novos intelectuais negros”, ao participarem como ativistas nesses movimentos ou sofrerem indiretamente a sua influência (ouvindo o seu clamor por igualdade racial), tornaram-se ciosos de novos ou outros métodos de pesquisas, indagações, categorias analíticas e conhecimentos para estudar, pesquisar e compreender as relações raciais brasileiras, assim como por apresentar propostas para promover a igualdade racial no Brasil, com o objetivo de eliminar o racismo da sociedade brasileira, especialmente em algumas áreas que eles consideravam estratégicas, como a educação. Nessa área, os ativistas negros brasileiros tiveram papel preponderante ao demonstrar os conteúdos racistas transmitidos pelo sistema formal de ensino. (SANTOS, 2011)

Diferente do intelectual orgânico a qual se referia Gramsci, intelectual eminentemente formado *na* e *pela* prática social é, portanto, essencialmente militante político, o negro intelectual obtém a sua formação por dois vieses; pela militância nos movimentos sociais e também pela via da educação formal, acadêmica, ou seja, o negro intelectual é um intelectual orgânico e também utiliza-se da educação tradicional para a sua formação.

Para o negro intelectual, é preciso ingressar à universidade para cumprir o seu papel de intelectual e cumprir, talvez as suas duas principais e mais importantes tarefas, quais sejam: promover a produção de conhecimento com autonomia e descolonizar as formas de produção de conhecimento e pensamento. São essas, e não outras, as duas principais tarefas sem as quais todas as outras não vingarão. Não é só no campo da prática política ou social que a luta pode ser travada, luta que está sendo travada, mas antes no campo epistemológico, pois, conforme nos aponta Boaventura, todo genocídio é precedido de um *epistemicídio*. Para matar um homem, dominá-lo, é preciso antes destruir seu pensamento, colonizá-lo.

Foi parcela desses negros intelectuais que criaram os Núcleo de Estudos afro-brasileiros (Neabs) e a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ANPN) com o objetivo de produzir conhecimentos sobre a temática étnico-racial e buscar dar visibilidade às desigualdades e aos grupos historicamente discriminados, proporcionando assim, uma reflexão sobre essas questões e vislumbrando novos conhecimentos para a realização de trabalhos que buscam a luta contra as discriminações e as desigualdades raciais e sociais.

Escolhemos os negros intelectuais pois, escolher um grupo específico não significa alijar os outros, ao contrário, estamos convencidos de que as

questões étnico-raciais são questões que devem ser debatidas por todos, sejam estes negros ou não.

Para nós, o racismo não é um problema privativo aos negros. É, antes, uma questão que atinge a todos e que, portanto, deve ser da responsabilidade de todos e, principalmente, de todos intelectuais sejam estes negros ou não; porém, foi e continua sendo o ativismo intelectual negro, teórico e político, que chama a atenção da sociedade brasileira para o racismo que lhe é estruturante e que aparece nas práticas sociais e institucionais. Como nos ensinou Edward Said (2005), é papel do intelectual aliar-se, não aos poderosos, mas, sim, a todos aqueles que sofrem e padecem as injustiças por causa dos poderosos. Não somos contra o branco tampouco a favor do negro. Somos sim contra todos aqueles que discriminam e não toleram a diversidade e pluralidade da vida humana.

(...) precisamos reivindicar nossa própria causa. Demasiadamente os outros têm falado por nós, demasiadamente a República tem sido enganada pelas representações falsas, nos assuntos que nos atingem profundamente (...), nossos vícios e nossa degradação são sempre manipulados contra nós, enquanto nossas virtudes passam sem comentário (RUSSWORN e CORNISH apud NASCIMENTO, 1981, p. 35).

Queremos dizer da importância de ouvirmos o negro contando a sua história e as suas impressões sobre a mesma, de o negro poder estar no lugar de ouvir sobre a sua história sendo contada por outro negro. Queremos saber como o negro intelectual narra suas vivências e experiências.

Será que o corpo que apanhou durante séculos no Brasil também pode bater? Sim. Através dos versos de Castro Alves, dos tambores do Candomblé, e por que não, através dos saberes produzidos por esses professores? Essas pesquisas podem bater na cegueira de uma sociedade que há séculos tenta não enxergar os efeitos devastadores que os preconceitos e discriminações raciais causam em nossa sociedade e nos indivíduos afro-brasileiros.

### ***Branquidade: hegemonia e privilégios***

Vron Ware foi organizadora e escreveu a parte introdutória do livro *Branquidade Identidade branca e multiculturalismo* (2004), a autora afirma que o sociólogo Peter Fry aponta que os movimentos negros percebem que o sistema de classificação racial no Brasil - como parte da construção do mito da democracia racial<sup>2</sup> - foi responsável por esconder a verdadeira divisão bipolar dos brasileiros entre negros e brancos.

---

<sup>2</sup> O mito da democracia racial afirma que o processo de miscigenação garantiu perfeita harmonia no seio da sociedade brasileira e nega a existência de qualquer conflito racial no Brasil.

De acordo com Ware, essa formação binária associa a branquidade ao prestígio social, econômico e político e “liga os modos de funcionamento do racismo no Brasil às hierarquias ‘raciais’ de outras sociedades fundadas pelo colonialismo europeu”. Desse modo, podemos entender que a branquidade precisa ser estudada como um sistema global; porém, temos que analisar rigorosamente as diferentes implicações que se impõe na especificidade de onde e quando ela é produzida. Desse modo, a branquidade é estudada como um conceito global, mas ao mesmo tempo, ela é uma construção histórica que está diretamente ligada ao contexto no qual está sendo construída.

Liv Sovik diz que o preconceito racial no Brasil é inequívoco, porém, sua discussão comumente busca explicações baseadas em classe social e desigualdade socioeconômica. Quando se atenta para a questão da branquidade, aí o argumento é o caráter mestiço da população brasileira: “se não existem brancos, nem linhas raciais nítidas, como pode haver preconceito?”. Desse modo, segundo esses argumentadores, “discutir a branquidade no Brasil seria importar conflitos estrangeiros e relações raciais mais bárbaras”.

### ***O que é ser racista e o que é ser negro?***

O que veremos a seguir são relatos de como dois negros intelectuais enfrentaram e enfrentam os preconceitos e as discriminações raciais em suas vidas. Segundo o professor Alexandre do Nascimento, - *Do ponto de vista cultural, esse sentir-se negro, nunca me senti diferente*”

O professor Alexandre começa nossa entrevista afirmando que sempre se viu como negro, pois veio de uma família preta, e que, inclusive, era o mais clarinho da família de sua mãe, família com a qual convivia e foi criado. E ao lembrar da família materna, ele diz: “ali tinha macumba, pessoal de escola de samba, minha mãe era passista, minha tia era porta-bandeira”. Com isso, podemos entender o motivo que levou Alexandre a se identificar como negro desde sempre.

Mas ele também revela que nem tudo eram flores, pois conta-nos que existia muito constrangimento, sobretudo, por parte das mulheres da família por conta da estética de seus cabelos. Se por um lado, eles/elas não tinham dúvidas de serem negros/as, por outro lado, apresentavam problemas em serem negros/as. Nosso entrevistado resume da seguinte forma: seus familiares entendiam que eram negros, mas se assumiam numa posição de inferioridade. Dessa forma, de acordo com suas palavras,

- eles estavam dentro desse jogo do racismo, e aceitavam essa manipulação do racismo em dizer que as pessoas negras são inferiores, são mais feias...Esses discursos racistas.

O professor Alexandre relata que ouvia a seguinte frase: “preto quando tem poder fica metido”. Aqui fica evidente o que é o poder simbólico, explicitado por Bourdieu (2006), quando o autor afirma que esse poder só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão

sujeitos a esse poder. O poder simbólico é um poder invisível que é transmitido por meio de frases de efeito e o mesmo só poderá ser exercido com a cumplicidade de quem está sujeito a esse poder e com a cumplicidade de quem o exerce.

Ele é um poder invisível porque constrói a realidade e provoca a reprodução dos modos de agir a partir de frases de efeito. Na frase “preto quando tem poder fica metido”, podemos perceber a reprodução de uma ideia racista que conta com a cumplicidade dos que estão sujeitos a esse poder e dos que o exercem. E o relato que virá a seguir demonstra um pouco isso, - *E depois, minha mãe ainda me deu um esporro*. Essa frase, o professor Alexandre disse ao lembrar da primeira vez que reagiu contra o racismo e da reação de sua mãe ao saber que ele havia reagido. Foi quando ele tinha apenas quinze anos de idade e trabalhava como *office boy*.

O professor Alexandre conta-nos que estava com tempo livre no trabalho e como teria que fazer uma entrega próxima ao trabalho de sua mãe, que exercia a função de empregada doméstica, no bairro do Humaitá, Zona sul da cidade do Rio de Janeiro, ele aproveitou para lhe fazer uma visita. Ao chegar na portaria do prédio onde sua mãe trabalhava, o porteiro lhe ordenou que subisse pelo elevador de serviço, mas ele argumentou que não estaria trabalhando e que, por isso, subiria pelo elevador social. Essa atitude, mesmo sendo inconsciente, já mostrava que aquele menino não estaria disposto a aceitar ou ajudar a reproduzir o racismo.

Mas sua mãe, que possuía outro entendimento e que, a exemplo do restante da família, não discutia sobre o racismo; acabou por repreender o filho por não ter obedecido a ordem do porteiro para subir pelo elevador de serviço. E essas situações decorrentes do racismo insistiam em incomodá-lo, como veremos a seguir:

- Na marinha eu tive uma experiência com a marinha argentina em que os argentinos ficaram rindo da minha pele, e ao mesmo tempo, diziam que queriam conhecer as mulheres negras brasileiras, que são passistas. Eles tinham a visão dessas mulheres como sendo mulheres fáceis. Isso me deixou muito incomodado.

Aqui, fica evidente o constrangimento que o negro passa em/nas relações sociais, pois essas brincadeiras/constrangimentos são feitas de forma alegre e divertida na visão dos autores dessas “brincadeiras”, e se o negro reclamar é visto como alguém que não tem senso de humor. O negro é visto como o outro que, por não estar enquadrado num modelo universal seja este de cultura, de beleza, ou de qualquer outro; será inferiorizado e ridicularizado como se o outro não tivesse importância ou valor. Ainda segundo esses relatos do professor Alexandre, - *Eu tive dois apelidos no colégio: o de feijão e o de miquinho*.

Nos exemplos acima, podemos perceber que o constrangimento começa desde que nascemos, e como também percebemos com a experiência anterior que lhe aconteceu na marinha, podemos constatar que esses constrangimentos duram a vida toda. Mas como enfrentar isso?

- *Ali eu fiz a minha primeira reação consciente contra o racismo.*

Para defender-se contra esses constrangimentos, muitos negros buscam instruir-se para entender e combater o racismo. Assim, o professor Alexandre conta que começou a discutir o racismo quando conheceu o Frei David e, junto com alguns amigos, montaram o pré-vestibular para negros e carentes.

É interessante entender como que a militância fortaleceu o professor Alexandre para o que ainda estaria por vir, pois quando tinha vinte e quatro anos, passou por uma experiência única: o nascimento de seu filho. E junto com toda a felicidade que esse acontecimento traz, novamente o constrangimento estaria presente em sua vida, pois ao ir registrar seu filho com um nome africano, o tabelião se recusou. O mesmo disse que esse nome não constaria na lista de nomes que as crianças poderiam receber.

Para resolver esse problema e conseguir registrar seu filho com um nome africano, o professor Alexandre foi buscar a ajuda de seu amigo - o Frei David. E este o apresentou ao jornalista Tim Lopes que logo se prontificou a fazer uma reportagem denunciando o ocorrido.

O professor Alexandre relata que, na época, esse problema ocorreu, ao tentar registrar seu filho com um nome africano e a recusa do tabelião em fazê-lo foi primeira capa de jornal e foi discussão na mídia por três dias, em que o professor Alexandre aproveitou para aparecer numa entrevista que concedeu à televisão, com uma camisa onde apareciam os seguintes dizeres: “negro, resistir é preciso”.

Felizmente essa primeira reação consciente de Alexandre contra o racismo teve um final feliz, pois por entender que resistir é preciso, Alexandre reagiu ao ato racista do tabelião e conseguiu registrar seu filho com o nome que escolheu: Zama.

O professor Otair Fernandes também nos conta suas experiências, - *Quando entrei para a faculdade, eu já era do movimento social, então, para mim, não era novidade, pois já sabia desde o início que estava numa luta.*

O professor Otair começa nossa entrevista com a frase acima, referindo-se sobre a importância do movimento social para a sua vida, para que ele desenvolvesse uma consciência política a respeito do racismo.

Nosso entrevistado conta que quando entrou para a faculdade não foi novidade encontrar a maior parte dos estudantes brancos, de classe média, da zona sul, do centro... e que sentia-se preparado para resistir ao racismo porque já entendia como que isso funcionava.

Com base nesse relato, entendemos a importância da consciência negra sobre o racismo para a vida do/da jovem negro/a, pois a partir do conhecimento que é adquirido nos movimentos sociais, esses/as jovens passam a entender que a exclusão racial existe sim e que, ao invés de aceitar, naturalizar e

reproduzir o racismo, eles/elas podem combater e resistir. E o professor Otair afirma sobre o racismo, em seu campo ideológico, que:

- Quem pratica o racismo não sente que está sendo racista, devido a naturalização. Agora, quem sente é que percebe se há o racismo ou não. Então, obviamente, a percepção passa a ser um elemento fundamental. Por isso que a gente se sente, quando olha o outro, inferiorizado, feio, aquela coisa de que ali não é o seu lugar. Tudo isso vem de uma percepção em que desde cedo fomos vítimas do racismo no seu plano ideológico.

Podemos entender a partir de Bourdieu (2006) que o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer um sentido do mundo como uma concepção homogênea. É um poder invisível que será reproduzido a partir de frases de efeito e que conta com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos e daqueles que exercem esse poder. Desse modo, é comum observarmos pessoas que estão sujeitas a algum poder de dominação defenderem as ideias que reprimem e discriminam a elas mesmas.

Estamos nos referindo ao poder de naturalização que possibilita a reprodução da ordem social sem que haja uma reflexão sobre ela, à naturalização que esconde os problemas raciais e as desigualdades sob a forma de frases de efeito que são repetidas inúmeras vezes sem a devida reflexão e/ou contestação.

Antes de estar no movimento social e aprender e fazer as leituras das relações raciais nos diversos ambientes em que circulava, o professor Otair relata que tinha uma percepção apenas no campo subjetivo, a partir dos estereótipos relativos à sua pessoa. Assim, ele percebia que:

- Ser negro significava ser feio e estar em condições desfavoráveis. Minhas irmãs passavam pente-quente nos cabelos e meus cunhados passavam henê, e nós, que éramos crianças, queríamos passar também, pois o cabelo era o estereótipo de coisa ruim, de feio. Quem vai querer ser feio? Essa questão é a mais profunda.

Desse modo, de acordo com a ideia da branquidade, a mesma é uma construção que está associada ao prestígio econômico, social e político, e liga as formas de funcionamento do racismo no Brasil a partir de pensamentos que traduzem que o branco é a norma e é o universal. Trata-se de um fenômeno socialmente construído, um constructo de poder ideológico bem sucedido do projeto modernista de colonização. Essa universalização faz parte da construção da branquidade, pois o branco passa a ser a norma e todos os outros grupos é que são racializados. O outro, ou seja, o diferente do branco, passa a buscar esse padrão para ser aceito, para ser bonito, para conseguir bons empregos... Segundo a ideia de branquidade, os brancos, como grupo hegemônico, tomam sua identidade como a norma e o padrão pelo qual todos os outros grupos são medidos.

De acordo com o que foi dito, podemos entender como que essa construção vai influenciar no modo que o negro se vê e se comporta, pois quando ele busca alisar seus cabelos para ficar parecido com o branco, na verdade, ele está buscando ser bonito dentro do padrão estabelecido, pois de

acordo com a construção da branquidade, só é bonito quem segue esse padrão.

**- E também tem o plano material, do lugar social, das condições materiais**

O professor Otair nasceu no Tuiuti<sup>3</sup> e depois foi, junto com seus pais e sete irmãos, morar no município de Mesquita. E por ter nascido numa favela e numa família numerosa e pobre, já sabia que teria que lutar muito para se formar.

Nosso entrevistado conta que sentia vergonha de entrar na casa de amigos, pois eram casas melhores que a sua, algumas tinham carros... E diz também que percebeu o racismo desde cedo, quando olhava ao seu redor; pois nasceu no morro, e por isso, percebia as diferenças e as questões das desigualdades, mas não tinha a compreensão política e ideológica do racismo. E que só passou a ter essa compreensão no movimento social, pois entendeu que o racismo existe e que ele é concreto. Ele passou a compreender que:

- O racismo se apresenta de uma forma muito cruel para nós, negros; de uma forma que nós não percebemos que somos vítimas. Só depois que temos a compreensão política que nós percebemos o racismo na sua concretude, na sua compreensão política. Depois de tomar compreensão política, não tive dúvida que o racismo é todo esse sistema estruturado, de formação social, que tem como base o preconceito e a discriminação como forma de tratamento.

O professor Otair faz questão de deixar evidente que foi a partir do movimento social negro que passou a ter a compreensão política sobre o racismo. Que o aprendizado que recebeu no movimento, associado aos estudos acadêmicos, o fez passar por uma ruptura, que aconteceu, primeiro, dentro dele mesmo. Mas que ruptura foi essa da qual nosso entrevistado se refere?

Ele refere-se aos padrões e normas que recebera desde criança por meio das relações sociais e/ou familiares; sobre os padrões de beleza e de pertencimento, a fim de afirmar o seu lugar; à busca de saber qual seria esse lugar, que não seria aquele indicado por esse sistema estruturado pelo racismo, mas sim o lugar que o fortalecesse para resistir contra o poder ideológico da branquidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Veremos a seguir, algumas frases ditas por nossos entrevistados sobre a influência dos movimentos sociais negros em suas vidas, que são fundamentais para entendermos como que o fator consciência sobre o racismo pode mudar a vida dos negros. O professor Otair nos diz: - *Quando entrei para a faculdade, eu já era do movimento social, então, para mim, não era novidade,*

---

<sup>3</sup> Morro situado na cidade do Rio de Janeiro no bairro de São Cristóvão

*pois já sabia desde o início que estava numa luta. E o professor Alexandre relata a luta que foi para conseguir registrar seu filho com um nome africano e diz que o movimento negro o ajudou para que pudesse ter uma consciência sobre o racismo: - Ali eu fiz a minha primeira reação consciente contra o racismo.*

As frases acima nos remetem ao conceito de negro intelectual cunhado por Santos: De acordo com Santos (2011, p.17), está surgindo no Brasil uma nova categoria de intelectuais: os (as) negros (as) intelectuais. O autor explica que negros (as) intelectuais são os (as) acadêmicos (as) com marcadores de ascendência negra que sofreram ou sofrem influência direta ou indireta dos movimentos sociais e expressam isso ao realizar seus trabalhos acadêmicos.

As frases referem-se aos relatos dos nossos entrevistados ao contar sobre a importância da militância em suas vidas para que tomassem consciência da realidade em que viviam, das discriminações raciais existente em nossa sociedade e para que pudessem sentir-se capazes para enfrentar isso. A questão estética foi citada por nossos entrevistados fazendo referência ao poder da branquidade. E de acordo com as palavras do professor Otair:

- Ser negro significava ser feio e estar em condições desfavoráveis. Minhas irmãs passavam pente-quente nos cabelos e meus cunhados passavam henê, e nós, que éramos crianças, queríamos passar também, pois o cabelo era o estereótipo de coisa ruim, de feio. Quem vai querer ser feio? Essa questão é a mais profunda.

Já o professor Alexandre também nos conta que - *existia muito constrangimento, sobretudo, por parte das mulheres da família por conta da estética de seus cabelos.*

Tanto na experiência do professor Otair, quando na do professor Alexandre, podemos perceber a norma estética ditando as regras, principalmente no que diz respeito à aparência dos cabelos. O poder da branquidade dita as normas e tudo o que está fora dessas normas é o outro, é o que precisa se adequar para ser identificado com aquele que desfruta dos privilégios social, político e econômico, que no caso, é o branco. Portanto, podemos concluir a importância dos movimentos sociais não só por seu caráter denunciativo, mas também, como uma forma de conscientizar os negros sobre o racismo existente nas esferas da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 419-441.

GRAMSCI, Antonio, Os Intelectuais e a Organização da Cultura. **Coleção Perspectivas do Homem**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Impresso no Brasil 1982. Vol.48 4ª ed: Civilização Brasileira.

SANTOS, Sales Augusto dos. A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais. IN: **Revista Mosaico**, edição nº 5, setembro/2011.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. IN: **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, pp. 219-246, novembro/2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

WARE, Vron. **Branquidade: Identidade Branca e Multiculturalismo**. São Paulo: Garamond, 2004.

SAID, Edward W. **As representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SISS, Ahyas & MONTEIRO Aloísio J. J. (Orgs.). **Educação e etnicidade: diálogos e ressignificações**. Rio de Janeiro: Quartet/Leafro/Edur 2011